

*Culturas juvenis no século XX*

BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE Filho, João (Orgs.)

São Paulo: Educ, 2008.

---

## **Jovens contemporâneos: reflexões atuais**

por Felipe Trotta<sup>1</sup>

A coletânea *Culturas juvenis no século XXI*, organizada por Silvia Helena Simões Borelli e João Freire Filho apresenta 16 ensaios de pesquisadores sobre o tema da juventude em contextos urbanos atuais. Destaca-se, no conjunto da obra, uma notável pluralidade de objetos e de abordagens das práticas culturais da chamada “condição jovem”, apresentando debates teóricos sobre a juventude quase sempre apoiados em extensas pesquisas empíricas. Por meio de “análises sistemáticas de variados aspectos do circuito de produção e apropriação cultural juvenil” (p. 7), o leitor é convidado a refletir sobre os diversos usos e práticas culturais associados à juventude, reconhecendo suas complexidades, dilemas e riquezas. Assim, a música (tema abordado em quase um terço dos artigos), o grafite, o audiovisual, os *best-sellers* literários, a internet e os celulares se tornam objetos de análise, com os quais os jovens articulam modos de pertencimento perpassados por sua condição etária e pelas diversas formas de violência e incertezas a que são expostos. O texto de apresentação da “orelha”, com a ilustre assinatura de Guillermo Orozco Gómez, já apon-

1 Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é autor de vários artigos sobre circulação e legitimação de música popular na sociedade e do livro *O samba e suas fronteiras: samba de raiz e pagode romântico nos anos 1990*, ainda inédito. Atualmente, atua como vice-coordenador do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE), onde desenvolve a pesquisa “Música popular e mercado nordestino: estética e identidade nos fluxos comunicacionais do forró”, com apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

ta para as “marcas singulares” das novas gerações, “manifestas em sons, imagens e palavras propagadas pela música, pelos muros, indumentárias e adereços, telas de computadores, celulares, TVs e pelas comunidades de fãs”.

O artigo de abertura, do influente pesquisador Jesús Martín-Barbero, intitula-se “A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens”. Nesse texto, Barbero apresenta uma releitura dos significados da “condição juvenil”, que se caracteriza por um “excesso de tempo livre” e pela “longa ‘fila de espera’ para encontrar trabalho” (p. 16). Sua análise baseia-se em diversos estudos sobre práticas culturais dos jovens, definidos como “sujeitos íntima e estruturalmente *mediados por suas interações pela e com a tecnologia*” (p. 22). A manifesta preferência pelo uso coletivo do computador em cibercafés (em detrimento de usos privados ou escolares) é um exemplo da dimensão social e do caráter coesivo do uso das tecnologias na construção das subjetividades jovens. “Navegar em grupo” (p. 19), “compartilhar músicas” (p. 22) e produtos audiovisuais (p. 14) são modos de articular uma “experiência sensorial” (p. 29) afirmativa de uma condição jovem, em latente tensão com uma sociedade que dela desconfia e, muitas vezes, rejeita.

Após o ensaio inaugural, os organizadores da coletânea assinam seus respectivos artigos “Retratos midiáticos da nova geração e regulação do prazer juvenil” e “Cenários juvenis, adultescências, juvenilizações: a propósito de Harry Potter”. No primeiro, João Freire Filho reivindica que, contrariando a tendência de serem abordadas como “fenômenos biológicos”, a adolescência e a juventude devem ser encaradas como “artefatos de governabilidade, constituídos e operacionalizados na intersecção de discursos políticos, acadêmicos e mercadológicos” (p. 37). Seu texto aborda a relação desconfiada dos “adultos” com relação aos “jovens” desde 1770, fortemente atravessada por uma certa noção de rebeldia divulgada em livros, filmes, músicas e revistas (p. 33-35). Em oposição a esses discursos, o autor identifica a emergência da figura da adolescente bem comportada em revistas femininas juvenis (como *Seventeen*, *Capricho* e o caderno especial *Veja Jovens*, de agosto de 2003), que visam uma construção de consumidores(as) idealizados(as) e igualmente estereotipados

(p. 39). A associação entre jovens e consumo estabelece uma espécie de cilada conceitual que tende à regulação dos prazeres juvenis e à sua adequação ao universo consumista, ambos criticados pelo autor. No ensaio sobre a série literária Harry Potter, Silvia H. S. Borelli discute a hipótese de um “vazamento das fronteiras” (p. 61) entre os universos de leituras dirigidos aos segmentos adulto e juvenil e suas implicações na complexificação do universo de consumo jovem. Tal vazamento é responsável por um tensionamento na própria concepção de juventude “concebida, do ponto de vista teórico, de forma parcial e excludente, ora como uma categoria universal, constitutiva do imaginário contemporâneo, ora como um problema particular dessa ou daquela classe social”, etnia ou gênero (p. 69). Assim, a série aponta para o engessamento causado por uma definição de juventude estritamente fundada no consumo massivo, destacando que processos como juvenilização e adultescência – “a possibilidade de permanecer jovem, não importa de onde se tire tal modelo de juventude” (p. 75) – atravessam os significados e as práticas culturais identificadas como “jovens”.

“Martírio juvenil, música e nostalgia no cinema contemporâneo”, assinado por Ângela Prysthon, analisa as estratégias empregadas pelo cinema com o objetivo de construir mártires da música *pop*, cunhando a noção de uma beatitude *pop* (p. 85). Segundo a autora, tais filmes (e, em especial, as cinebiografias *24 Hour Party People* e *Control*, analisadas mais profundamente) apresentam um caráter nostálgico que oscila entre a ironia e a melancolia, compartilhando “o afeto e a admiração por sons, sujeitos e imagens da cultura popular britânica recente” (p. 90).

A apropriação juvenil da televisão é o assunto tratado por Veneza Mayora Ronsini no ensaio “Representações televisivas e reprodução simbólica da desigualdade: leituras juvenis”. Seu objeto de análise concentra-se nas novelas *Páginas da vida* e *Paraíso tropical*, exibidas em horário nobre na Rede Globo, investigando os modos de representação da pobreza em seus núcleos de personagens (p. 95). Argumenta que nesses produtos o conflito de classes entre personagens “ricos” e “pobres” aparece magicamente solucionado pelo casamento ou pelo amor, destacando que “o destino se resolve pelas opções morais entre o honesto e o deso-

nesto, fortes e fracos, bons e maus” (p. 101). Conclui afirmando que a novela funciona como “laboratório de observação e de crença nas distinções [entre as classes sociais] que justifica os lugares ocupados, mas que também fabrica o desejo de trocar de lugar” (p. 106).

Rose de Melo Rocha e Josimey Costa da Silva apresentam no texto “Cultura juvenil, violência e consumo: representações midiáticas e percepção de si em contextos extremos” uma interpretação sobre o que chamam de “fabricação cultural juvenil” (p. 111), com ênfase nas percepções que os próprios jovens apontam sobre si mesmos.

Resultado de pesquisas realizadas em duas capitais brasileiras, as autoras apontam para percepções contrárias e complementares atravessadas por identificações com símbolos midiáticos (em Natal) e com representações da violência (em São Paulo), ambos funcionando como eixo de partilha de “vinculações sociais” (p. 120).

Igualmente referendado por pesquisas na cidade de São Paulo, o texto assinado por Marcos Rodrigues de Lara desenvolve uma reflexão sobre o encantamento do consumo de grifes entre os jovens, tomado como eixo da “construção identitária nessa etapa da vida” (p. 133). Intitulado “Jovens urbanos e o consumo de grifes”, o ensaio discute as relações entre jovens e cidade, especialmente no que tange às negociações de prestígio e *status*, entendidos como moedas simbólicas da hierarquização da sociedade que se expressa fortemente no “endereço” (p. 137). Assim, o consumo aparece – sobretudo para os jovens em situação de precariedade material – como uma “possibilidade de projeção” (p. 144), atuando “na esfera de seu próprio desejo de *parecer*, mais importante nesse período do que *ser*” (p. 149).

Até esse ponto, é possível identificar uma aguda pluralidade de dinâmicas associadas à juventude. Destaca-se entre os ensaios apresentados uma preocupação constante em problematizar as concepções mais generalizantes sobre “juventude”, quase sempre refletindo sobre sua relação com as condições materiais e classes sociais a ela associados. As diversas formas de violência que atravessam a “condição jovem” em setores de menor poder aquisitivo surgem em quase todos os textos como um eixo significativo na interpretação desse segmento da sociedade. Os quatro

ensaios que se seguem apresentam análises da relação de grupos juvenis com a música, especialmente com o *hip-hop* e a chamada música eletrônica. Confirmam, desse modo, a afirmação de Martín-Barbero no texto inicial que apresenta a música como “o idioma por excelência” dos jovens, utilizada como uma espécie de “interface que permite ao jovem se conectar e conectar, entre si, referentes culturais e domínios de práticas e saberes” (p. 16).

Fernanda Eugenio e João Francisco Lemos assinam o texto “Tecno-territórios: a ocupação volante da urbe nas cenas eletrônicas cariocas”, no qual analisam as especificidades da cena do Rio de Janeiro, associando-a a outras cenas eletrônicas por acionar um mesmo *funcionamento* de “ocupação que perfaz uma dimensão ou zona de intensidade” (p. 153). Destacam a importância da tecnologia no desenvolvimento e consolidação da cena carioca, que utiliza vários artefatos digitais para ampliar seu alcance e visibilidade, estabelecendo um sentimento de pertencimento e da *togetherness* (p. 167).

Em “Música eletrônica e *rock* entre ruídos e *riffs*: gêneros musicais em tempos de hibridismo”, Simone Pereira de Sá, Marcelo Garson e Lucas Waltenberg reivindicam a pertinência da noção de gênero musical para a “compreensão da experiência de produção, circulação e escuta musical”, apesar da contínua hibridização de estilos (p. 174). A partir dessa premissa, apresentam a tese de que a aproximação da música eletrônica com o *rock* só foi possível depois de ela se configurar enquanto gênero (p. 176), rebatendo a oposição entre ambas que marca alguns discursos (p. 183). Em seguida, “seguem as pistas” do debate acerca da própria definição da música eletrônica em entrevistas e *sites* na internet (p. 189), destacando que tais discursos revelam “questões de autoridade e de disputa em torno do capital subcultural” do (arqui-)gênero (p. 190).

O *hip-hop* é o tema dos ensaios de Micael Herschmann e Tatiana Galvão e de Marianna Araújo e Eduardo Granja Coutinho intitulados respectivamente “Algumas considerações sobre a cultura *hip-hop* no Brasil hoje” e “*Hip-hop*: uma batida contra-hegemônica na periferia da sociedade global”. Em ambos, o debate sobre a valorização cultural e

política do *hip-hop* aponta para as dificuldades de “se incorporarem criativamente elementos desse universo cultural juvenil identificado especialmente com as periferias e favelas” (p. 195). Assim, o *hip-hop* pode ser entendido propriamente como uma “fala contra-hegemônica” de uma população periférica (p. 224), que se afirma musicalmente através do orgulho negro (p. 212) e que, dessa forma, constrói um “vigoroso discurso” “forjado na própria cultura da periferia que é agenciado e comercializado crescentemente pelo mercado” (p. 209).

Pixadores e grafiteiros são objetos dos dois textos subsequentes, nos quais é possível observar uma hierarquia entre as duas atividades, caracterizadas por uma apropriação específica das cidades, no caso, respectivamente as duas grandes metrópoles nacionais: São Paulo e Rio de Janeiro. Em “A vida (nem tão secreta) dos pixadores em São Paulo: festas, rolés, tretas e amigos”, Rita de Cássia Alves Oliveira analisa quatro DVDs sobre a atividade produzidos por um “pixador tradicional” da cidade de São Paulo. Repletos de depoimentos e registros, tais produtos revelam, segundo a autora, o universo simbólico dos pixadores que, “ao espalhar suas assinaturas pela cidade, transformam-se em personagens urbanos e dizem, por meio das suas escritas: ‘eu existo’, ‘eu circulo pela cidade’, ‘esta cidade também é minha’” (p. 235), revelando “os desejos, as alegrias, os medos, as angústias e as frustrações da conturbada vida dos jovens urbanos” (p. 246). Por sua vez, Janice Caiafa e Rachel Sodré discutem em “Imagens urbanas: alguns aspectos da produção de grafite no Rio de Janeiro” os valores (positivamente) associados à prática do grafite, que aparece como uma espécie de estágio mais amadurecido da “pichação”<sup>2</sup> (p. 251), destinado não a uma comunicação “interna”, mas de apreensão mais fácil por “pessoas que circulam pela cidade” (p. 250).

A seguir, as autoras analisam o que entendem por uma “institucionalização do grafite”, um processo de transposição de “uma prática marginal e livre de regras” para uma certa obediência a normas e formas convencionais (p. 257), mas não negam o caráter “social” de sua atividade.

2 No texto de Rita de Cássia Alves Oliveira, a grafia apresentada para o vocábulo é “pixação”. Mas Janice Caiafa e Rachel Sodré optam pelo uso do “ch”, na forma dicionarizada mais amplamente difundida do termo.

de e a manutenção de espaços (ruas e guetos) onde “pintam por prazer, para curtir com os amigos, para experimentar a sua arte” (p. 265).

A internet é o ambiente de análise dos artigos “A subcultura *cosplay* no Orkut: comunicação e sociabilidade *online* e *offline*” e “Compartilhando o lixo cultural: comunidades *online* de fãs produtores de filmes *trash*”. Assinado por Adriana Amaral e Renata F. Rocha Duarte, o primeiro discute os “processos de sociabilidade e comunicação nos usos e nas apropriações da internet pela subcultura *cosplay* brasileira” (p. 269). O hábito dos fãs de teatralizarem personagens escolhidos (do inglês *costume play*) é abordado a partir da influência japonesa na juventude globalizada (p. 273), na qual as trocas interpessoais pela internet assumem papel preponderante na disseminação de tais valores. Assim, mangás, o *PlayStation* da Sony e personagens como Hello Kitty são entendidos como traços dessa cultura, definida como *cute*, que se baseia numa certa “infantilização dos personagens” em ampla expansão no mundo ocidental (p. 284). A temática do “lixo cultural” abordada por Mayra Castellano discute o protagonismo dos fãs na produção de filmes e, em especial, a produção dos fãs de filmes classificados como *trash*. Para esses jovens, o que parece atraente não é “necessariamente *um* filme, *uma* série, *um* personagem, mas, acima de tudo, uma forma de se fazer cinema” (p. 292). Temas ligados à morte, sadomasoquismo, terror, violência e erotismo agregam comunidades no Orkut que manifestam seu pertencimento de gosto relacionado aos filmes *trash*, prestando “uma espécie de homenagem ao gênero” (p. 307).

Finalizando a coletânea, Sandra Rúbia da Silva interpreta os usos dos telefones celulares entre os jovens. “Vivendo com celulares: identidade, corpo e sociabilidade nas culturas urbanas” é o título de seu ensaio, que se inicia defendendo a ideia de que o celular é “o artefato-símbolo da contemporaneidade” (p. 312). Veículo de uma inclusão simbólica de indivíduos numa época marcada pela conectividade e pela interatividade (p. 316), os celulares são marcados ainda por uma certa afetividade em seu uso, sendo apontados como “prolongamentos do corpo”, numa afirmação de explícita inspiração meluhiana (p. 325). Concluindo, a autora reforça o papel da tecnologia na construção de uma identidade

jovem (mas não só), funcionando como vetor de inserção de “indivíduos em redes de sociabilidade que os conectam ao estilo de consumo tecnológico característico da modernidade” (p. 327).

Para finalizar, convém destacar que Silvia H. S. Borelli e João Freire Filho resgatam positivamente a função de organização de livro atuando não somente como meros estimuladores de textos, mas conectando diálogos, abordagens e objetos com enorme coerência e eficaz ordenação. O resultado é um livro dotado de grande organicidade e profundidade analítica, destinado a um público interessado em interagir com pesquisas e reflexões de ponta sobre o tema da juventude atual que, a partir de agora, tem em *Culturas juvenis no século XXI* uma referência obrigatória.